

FRUNO HILDEBRAND -



Blumenau em cadernos

T O M O XII - ★ JANEIRO DE 1971 ★ - Nº. 1

CANTO DOS COOPERADORES

Esta Publicação pode sobreviver graças à generosa contribuição dos seguintes cooperadores:

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústrias Têxteis Comp. Hering S/A.

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - S. Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Emprêsa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Banco Brasileiro de Descontos S/A.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Eletro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Blumenau

em Cadernos

TOMO XII

Janeiro 1971

Nº. 1

Com êste número, "Blumenau em Cadernos" inicia o seu 12º Tomo.

Começa o seu décimo segundo ano de publicação, tendo vencido as inúmeras dificuldades que se lhe apresentaram em 1970, disposto a não desanimar, um só momento, na luta em que se defrontará para superar os percalços sempre encontrados em sua trajetória, pelos periódicos que vivem, como o nosso, apenas da ajuda e compreensão de seus assinantes e benfeitores.

A confiança sempre tida em nós mesmos e na grandeza e elevação de propósitos dos que nos têm amparado, financeira e moralmente, dá-nos ânimo e coragem para não desfalecermos durante a jornada, que sabemos árdua e difícil.

Os que, até aqui, vêm amparado êste periódico, certamente nos darão, também, no corrente ano, os meios materiais e morais porque sabem que estamos realizando uma obra digna de apôio pelos serviços que presta à Coletividade.

Agradecendo essa cooperação, reafirmamos, no limiar desta nova etapa, os nossos propósitos de manter a linha de conduta que vimos seguindo, orientados, apenas, pelos superiores interesses do município e do Estado, no que concerne ao estudo e difusão da sua história, e do seu desenvolvimento cultural.

Deus há de dar-nos fôrças para que possamos manter êsses propósitos, e, assim, chegar ao fim de mais uma jornada, com a consciência de termos, realmente, cumprido o nosso dever para com a coletividade a que servimos.

Caçadas Aos Indígenas

J. Ferreira da SILVA

José Deeke, num dos mais interessantes capítulos do seu livro sobre "Blumenau e a História do Seu Desenvolvimento" conta-nos coisas interessantes a respeito dos indígenas que infestavam as matas da Bacia do Itajaí e dos recursos que os colonos eram obrigados a pôr em prática para se livrarem dos males que os silvícolas lhes causavam. Muitos imigrantes foram assaltados e mortos em seus ranchos e lotes, nos começos da colonização. Muitas entradas foram forçados a realizar para liquidar os grupos de índios que perambulavam pelas matas, ou ao menos para afugentá-los para longe das moradias dos colonizadores. Essas entradas, ou batidas, como eram chamadas, eram realizadas, geralmente, por grupos de «brasileiros», os nossos destemidos caboclos, práticos de andar pelas florestas, acostumados a toda sorte de intempéries e de contrariedades. Quando, nos começos deste século, os assaltos dos gentios haviam se tornado mais frequentes, chegou até Blumenau a notícia de que um certo Martinho Marcelino, das bandas de Angelina, tendo sofrido sérios agravos dos índios, jurara vingar-se desses agravos e, no cumprimento da jura, já destruíra vários acampamentos de selvagens. Então, resolveu-se aqui convidar aquele que já se tornara afamado «bugreiro» para vir a Blumenau e empreender uma sortida contra os silvícolas que andavam assaltando tropas e matando colonos serra acima.

José Deeke conta que Martinho subiu a serra com 20 caçadores e, depois de destruir um pouso de

índios, atravessou a floresta até Pouso Redondo, de onde voltou em meados de novembro de 1905 com várias mulheres e crianças índias prisioneiras e grande quantidade de armas e alguns cachorros tomados dos selvagens. Nessa ação, Martinho perdeu o seu cunhado, Inácio Castanheiro, que foi mortalmente atingido por uma flecha.

O citado autor diz que os índios apresados eram, sem dúvidas, coroados, pois não tinham vestígio de botoque, e tinham o cabelo cortado à moda que deu o apelido a esses indígenas. Adianta ainda mais, que os índios capturados foram confiados ao Convento das Irmãs da Divina Providência, de onde, pouco depois, as duas mulheres tentaram fugir com quatro crianças. Uma mulher e três crianças foram recapturadas enquanto que a outra e uma criança desapareceram. As crianças foram depois distribuídas entre várias famílias que se obrigaram a criá-las e educá-las. Algumas delas morreram pouco depois.

Esse foi um dos muitos episódios relacionados com a perseguição aos índios, que vêm relatados no interessante livrinho de José Deeke.

Há poucos dias, caiu-nos às mãos um caderno de notas que pertenceu ao Sr. Augusto Zitlow, que foi inspetor de linhas telegráficas e teve atuação marcante na vida social, política e cultural do município nos fins do século passado e nas primeiras décadas deste.

Como fazemos com todos os documentos antigos que nos é dado examinar, percorremos fôlha por fôlha dêsse livrinho de anotações que nos foi emprestado pela filha do Sr. Zitlow, D. Érica Altenburg que, já tendo ultrapassado a casa dos oitenta anos de idade, está ainda bem disposta e lúcida, interessada por tudo quanto diga ao passado da sua comuna, pela qual sente entranhado amor. Examinando as muitas anotações de enderços, de datas de aniversários de parentes e amigos, de pequenos lembretes, de contas, de referências a fatos e compromissos assumidos, constantes do mencionado livrinho de notas, deparamos com alguns registros que estão diretamente ligados à expedição chefiada por Martinho Marcelino, em Nov. de 1905.

Assim, ficamos sabendo que várias pessoas fizeram coleta na Colônia para fazer face às despesas com a expedição. Entre essas pessoas, estavam os Srs. Zahn, com 149 mil réis, Gruner com 90, Henrique Stahnke com 123, G. Vicente com 17, H. Schroeder com 25, B. Engelke com 10 e Zitlow e o seu pessoal com 300, perfazendo o total de 714 mil réis. Entre as várias despesas que foram parceladas e pagas, destacam-se: a Jacob Schmidt, 3 carroças de Blumenau ao Braço do Sul, a B. Engelke o aluguel de uma carroça e vários diversos serviços no transporte dos bugreiros e dos apetrechos da expedição. E ficamos sabendo também pelas notas da caderneta de Zitlow que os 20 componentes da expedição eram: Martinho Marcelino, como chefe, Nilo Siverino, Durvalino Maximiliano, Balduino, Manuel Marcelino, José Maria, Wenceslau Schlichting, Antônio José Bernardo, João Nato da Rosa, José Luciano de Souza, Antônio Valente, José Antônio, Jacinto José de Souza, José Rodrigues, Tomás de Tal, Inácio

Castanheiro, Schwütz e finalmente o vigésimo assinalado com um ponto de interrogação. E o que é mais interessante, Zitlow relaciona todos os objetos e pessoas que os bugreiros trouxeram da expedição: 4 lanças, 30 flechas, 46 flechas com pontas de ferro, 5 flechas com pontas de virola, 10 arcos, 1 pilão, 35 cestos, 8 rosários, 3 brinquedos, 12 peças de corda, 3 fôlhas de facão, 4 fôlhas para lanças e flechas, 4 camisas de bugre, 2 panelas, 8 machados, 3 foices, 2 enxadas, 1 lampião, 1 tesoura, 1 cavadeira, 1 lima, 4 agulhas, 1 cano de pistola, cincerros, estribos, 2 ponchos, 1 pala e até uma estola de padre. Além disso tudo, 2 mulheres e 12 crianças. Para o regresso, fizeram-se novas coletas nos locais onde passava a expedição, coletas que renderam 691\$200 réis. Dêsse dinheiro, o juiz de Direito, que era o Dr. Ayres Gamma, mandou que se desse 200 mil réis ao Convento das freiras para o tratamento das duas índias e das 12 crianças, enquanto elas lá permanecessem. Os restantes 421\$200, acrescidos de mais 200 mil réis dados pelo fundo geral, foram entregues ao bugreiro chefe Martinho Marcelino de Jesus para que êste os entregasse à sua irmã, viúva de Inácio Castanheiro, morto no encontro com os bugres.

Outros apontamentos interessantes constavam da caderneta do Inspetor Zitlow, tais como uma relação das vítimas dos bugres desde 1900 até 1913 em Blumeuau e em tôda a Bacia do Itajaí-Açú. Sôbre êsses apontamentos diremos ainda alguma coisa interessante em outra ocasião. Foi uma feliz oportunidade o exame da caderneta de Augusto Zitlow que nos dá conta de muitos fatos ocorridos com os homens do passado blumenauense que muito trabalharam pela grandeza de nossa terra e pela felicidade de nossa gente.

- Dr. Blumenau e a Imigração Alemã -

(Do Relatório do Ministro da Agricultura, Manoel Pinto de Souza Dantas, baseado no do Dr. Inácio da Cunha Galvão, diretor de Coloni-zação, ambos relativos ao ano de 1868).

Com quanto nutrisse a opinião que manifestei acima em favor da imigração do Sul dos Estados Unidos e solicitasse que se empregasse todos os esforços para promover a e facilitá-la nunca des-conheci que ela era de natureza transitória; e que logo que a ordem se restabelecesse na União Americana e voltassem ali as coisas a seus eixos, teria ela ou de cessar inteiramente ou de reduzir-se à escala tão diminuta que a intervenção do govêrno não teria cabimento.

Pelo fato mesmo de ser ela de caráter passageiro é que entendia que o govêrno devia acelerar as suas medidas afim de aproveitar a ocasião.

Nunca porém perdi de vista a imigração alemã, verdadeira fonte permanente de onde devemos esperar uma corrente perene; já por conter a Alemanha uma grande massa de população, na qual está inoculado o espírito das imigrações; já por ser esta a nacionalidade estrangeira (não falando na mãe-pátria) que mais raízes tem no país, sendo dela quase exclusivamente compostas as colônias existentes; já enfim pelas qualidades que a recomendam para as funções de colonização, sendo uma raça de fácil aclima-tação, laboriosa, pacífica, perseverante e sofredora; e ainda por que, em atraí-la tem o governo há muitos anos concentrado os

seus esforços e não se deve perder o fruto dos sacrificios anteriores. Nada de estável se pode fundar sem respeitar as tradições razoáveis.

Se assim pensava o funcionário subalterno, outro tanto não acontecia à autoridade superior. A fascinação pela imigração dos Estados Unidos foi tal que levou o finado conselheiro Paula Souza, então ministro, a pôr à margem tudo quanto era relativo à imigração da Alemanha e a concentrar suas vistas e esforços exclusivamente naquela.

Coincidindo essa circunstância com a extinção do prazo do contrato que haviam celebrado Steinman e Cia., de Antuerpia, para a expedição de 2.000 colonos da Alemanha, ficou a sorte daquela importante emigração dependendo unicamente dos esforços particulares, pouco ativos, da companhia de Hamburgo que fundou a colônia de Dona Francisca, e dos do Dr. Blumenau, que por mais dedicados e extremos que fossem não podiam produzir senão resultados correspondentes aos fracos recursos de um indivíduo isolado.

A opinião geral na Alemanha era então muita aversa ao Brasil. Alguns erros cometidos, os sofrimentos dos recém-chegados nas colônias; alguns fatos de anulação de casamentos mixtos; a falta do contrato civil de casamento; e mais que tudo as queixas dos co-

lonos de parceria, habilmente aproveitadas na imprensa pelo tenaz e infatigável Sturz e outros, cujos interesses tinham sido contrariados; não encontrando contestação da parte dos agentes representantes do Brasil, que na Pússia deixaram passar sem resposta as mais injustas acusações e atroz calúnias, levaram à convicção a todas as classes sociais na Alemanha que a vida do colono no Brasil era a mais intolerável e desgraçada. Esta convicção transluz no ato do govêrno da Prússia proibindo aos agentes de imigração o engajar imigrantes para o Império do Brasil.

Tendo ido para a Alemanha o Dr. Blumenau, em princípios de 1865, e reconhecendo pessoalmente êste estado de cousas, embora estivesse com licença a tratar de sua saúde, não se conteve no seu zêlo pela causa da imigração e formulou uma longa exposição acompanhada de considerações do mais subido interesse sôbre êsse assunto e sôbre a urgente necessidade de se estabelecer uma propaganda sistemática, pela qual expondo-se as cousas sob a sua verdadeira luz, se modificasse aquela errônea opinião.

Conhecendo êle os meus sinceros desejos de cooperar em prôl da mesma causa, remeteu-me a exposição dirigida ao ministro para que a lêsse e depois a entregasse em mão ao sr. ministro e chamasse sôbre ela a sua atenção, o que fiz.

Falo recorrendo à memória por que desde então (princípios de 1866) não voltou ela ao meu poder; mas sei que as suas reflexões produziram em mim profunda impressão, e que com recomendação correspondente, a transmiti a s. ex. o sr. conselheiro Paula e Souza, que entretanto,

entendeu não dever tomar providência acêrca de seu assunto.

O Dr. Blumenau, porém, com uma admirável persistência, apesar de se ver abandonado, esquecendo-se de sua saúde e de seus interesses (a prorrogação da licença fôra-lhe concedida sem vencimentos), abnegação rara e digna de louvor, atirou-se êle só á brecha, e travou a polêmica, consumindo na imprensa seus modestos recursos pecuniários.

Continuou êle por algum tempo essa luta desigual, fazendo-me confidente de suas mágoas e pesares, do abalo que sofria sua saúde com a energia dos esforços que fazia, com as emoções por que passava, vendo exaurirem-se seus frácos recursos ainda no princípio da árdua tarefa.

A V. Ex. cabe a glória de lhe ter dado a mão e juntos e hoje que (graças a sua eficaz animação) vão aparecendo os frutos da dedicação e esforços do dr. Blumenau, V. Ex. tem o direito de encher-se de uma justa satisfação pelo acêrto da resolução que tomou.

Não deve V. Ex. estranhar que eu envolva constantemente nesta parte da minha narração a pessoa do dr. Blumenau. A história da imigração alemã resume-se, por assim dizer, na de seus trabalhos e esforços. Nesta questão, sem pejo o confesso, curvando-me à inteligência e à longa prática do dr. Blumenau, que se tornara nela um eminente especialista, tenho apenas servido de auxiliar de suas vistas.

V. Ex. é testemunho do vivo empenho que tenho pôsto no desencargo dêsse papel.

Fazendo curtos extratos dos circunstanciados officios que êle dirigia a V. Ex. e me enviava abertos para meu conhecimento e

governo, remetia-os a V. Ex. acompanhando sempre das palavras mais calorosas em abono do dr. Blumenau e de suas justas reclamações e acertadas indicações.

Releve V. Ex. que o diga, conquanto deva êle a V. Ex. todos os meios de que atualmente dispõe, julgo que V. Ex. ainda fêz pouco e que para corresponder condignamente ao préstimo daquêle distinto funcionário, e a dedicação com que êle se voltou à causa da imigração, não seria demais o serem tôdas as suas requisições satisfeitas em tôda sua latitude.

Se receio houvesse sôbre sua tendência, a gastos imoderados ou grandes planos sem base sólida, poder-se-ia hesitar em conferir-lhe esta plena confiança; mas conhecendo-se quanto os seus projetos são amadurecidos por um largo estudo e uma longa e proficua experiência, e que nas despesas que tem a fazer, esquadrinha com o mais minucioso escrúpulo as que são absolutamente indispensáveis e o modo de reduzi-las ao estrito necessário; a quem melhor podia ser confiada a designação das despesas a fazer, e a distribuição das somas a despender?

Continuando a narração segundo a ordem dos acontecimentos, assim que teve notícia da mudança ministerial renovou o dr. Blumenau as suas reclamações a V. Ex. Os seus pedidos e linguagem, em sua timidez ressentiam-se da repulsa formal que encontraram os primeiros.

Em novembro de 1866, sabendo eu que se achava gravemente enfêrmo o seu procurador nesta côrte, o sr. Otto Keller, e impossibilitado de agitar perante o governo reclamações pendentes, tendo eu notícias delas pela correspondência que entretinha, levei-as

à presença de V. Ex.

Um dos seus pedidos era que ao menos o cônsul geral do Brasil em Hamburgo, que tinha sempre mostrado o maior zêlo e interesse pela causa da imigração, fôsse habilitado efetivamente para pagar a diferença dos prêços das passagens entre o Brasil e os Estados-Unidos.

Reconhecida, de a muito, por todos, a vantagem da medida, de equiparar-se o preço das passagens da Europa para o Brasil ao das passagens para os Estados Unidos, foi definitivamente adotado pelo governo, em abril de 1865. Ainda porém muitas delongas teve de sofrer a sua execução, por falta de clareza nas ordens expedidas e por não ter sido a agência financiadora em Londres intimada para aceitar os saques que fizessem os cônsules para ocorrer a estas despesas.

Era êsse complemento da medida que ainda em novembro de 1866, solicitava o dr. Blumenau.

Pedia também que atendendo-se aos serviços que estava prestando se lhe arbitrasse alguma gratificação, visto considerar indispensável a continuação de sua estada na Alemanha e acharem-se exaustos os seus recursos particulares, o que v. ex. concedeu-lhe. Outras providências ainda reclamava relativas às colônias.

Nessa ocasião chamei a atenção de V. Ex. sôbre o plano de propaganda, de que acima fiz menção e que fôra in limine repellido pelo seu antecessor, fazendo notar que a despesa anual que acarretaria importava apenas na módica quantia de quatro a cinco contos de réis.

Para se avaliar o quanto era modesto o pedido comparativamente aos meios que empregam outras nações, basta citar o pro-

jeto de Sturr em 1866 para ativar a imigração para os Estados- Unidos. Compreendia êsse projeto a criação de uma gerência central em Berlim, cujo primeiro estabelecimento foi orçado em 40 contos e cujo custeio devia importar em 30 contos anuais.

Depois de tantas delongas foi-lhe; em 22 de julho de 1867, concedido um crédito de 1:200\$ para pagar a um escritor que o auxiliasse; na mesma data foi aberto um crédito de 10 contos na agência em Londres para sôbre êle sacarem os diferentes consulados para o pagamento da diferença das passagens; a 23 de julho de 1867 foi aberto um crédito de oito contos à disposição do Dr. Blumenau para auxílios além da diferença das passagens em casos exepcionais sujeitos a reembôlso.

Nesse interim, publicou-se a interessante noticia sôbre o Império que precedeu o catálogo dos objetos enviados para a exposição universal de 1867. Nela se declarava, que o govêrno do Brasil assegurava o pagamento, por conta do Estado, em beneficio dos imigrantes, da diferença de preços das passagens já mencionadas. Impressas edições daquela noticia nas quatro línguas, portugûesa, alemã, inglesa e francêsa, se mandaram oficialmente disseminar pela Europa.

Recrudesceram em consequência disso as reclamações do dr. Blumenau. O crédito marcado de 10:000\$ chegaria apenas para as diferenças de passagens de 300 a 400 pessoas; esgotado êle, os cónsules e os agentes do Brasil ficarião na mais desagradável situação, sem terem meios para cumprir solenes promessas, a que se deu a maior publicidade, e as acusações tantas vêzes repetidas pelos ad-

versários do Brasil de que as promessas do seu govêrno não mereciam confiança, receberiam uma estrepitosa confirmação, recaindo o descrédito não só sôbre os agentes como o próprio govêrno.

A sua ansiedade crescia à medida que via aproximar-se o principio da campanha imigratória (de março a outubro) ao mesmo tempo que os expedidores e seus agentes reclamavam dêle esclarecimentos definitivos sôbre os fundos que havia disponiveis, a fim de dispo-rem com o tempo os seus meios de ação.

Os officios e cartas se comunicavam e sucediam por todos os vapores solicitando esclarecimentos e ordens, prontas e claras e seu espirito passava por tôdas as gradações da esperança, da incerteza e do desânimo por seus esforços inutilizados; o crédito do país aniquilado; a causa da imigração perdida; e os adversários do Brasil cantando vitória.

V. ex. elevou a 40 contos o crédito exclusivo para a diferença das passagens, no corrente exercicio, garantimos igual soma para o exercicio seguinte, ou maior ainda se as necessidades da imigração o reclamassem; fixou claramente quais os auxílios pecuniários sujeitos a reembôlso, quais os concedidos gratuitamente; providenciou sôbre o caso em que na ocasião da partida de uma expedição de imigrantes estivesse esgotado o crédito em Londres, garantindo que a importância da diferença das passagens seria paga *nesta côrte, mediante a apresentação de documentos do consulado respectivo, que comprovasse essa concorrência; solveu enfim as dúvidas existentes sôbre a compreensão dêstes auxílios, declarando que a qual-quer que fôsse a provincia do Im-

pério, a se destinasse o imigrante teria jús a êles.

Muito pois já está feito, tudo quanto é relativo ao movimento migratório deste ano; mas ainda resta muito por fazer.

Quer se criar uma corrente espontânea, perene, e não introduzir, em um dado período, 2.000 ou 3.000 imigrantes.

A indústria da expedição de imigrantes exige grandes capitais e uma não interrompida atividade.

Já apresentei em outro trabalho, o cálculo feito pelo abalizado estatístico Legoyt, do capital pôsto em circulação, com a deslocação da população que imigrou da Europa no ano de 1855, computada em 550.000 pessoas.

Em compras de objetos para uso dos imigrantes, gastos de transportes desde o lugar de domicílio, até o momento do embarque, preço da passagem, rancho do navio e frete, somara o capital pôsto em circulação em 291 milhões de francos, do qual mais da metade pôsto em circulação pelos expedidores.

Em vista desta massa de capitais que tem de ser envolvida na indústria da expedição, e da rêde de agentes de que é preciso espalhar para angariar e guiar os imigrantes; não convém aos expedidores desviá-los dos canais que se acham para embarcá-los numa ou outra expedição eventual, noutra direção. Para que as grandes casas expedidoras se resolvam a contemplar o Brasil no circulo de sua ação, será preciso que elas possam contar com uma série de expedições repetidas durante um certo número de anos, cujos lucros prováveis aconselhem o desvio de capitais de seus canais usuais.

Os orçamentos anuais são, como muito bem pondera o dr. Blumenau um obstáculo para que o go-

vêrno possa estabelecer um sistema de medidas que garantam uma série de expedições regulares durante 3, 4 ou 5 anos; será preciso para isso que o corpo legislativo conceda um crédito, como o de 6.000 contos de 1856, para ser despendido pelo govêrno em período dado, para os fins indicados.

Esta garantia de expedições regulares não atuaria só favoravelmente sôbre o melhoramento da classe dos imigrantes.

Só os verdadeiros proletários, que não têm bens alguns a dispor estão prontos a partir em qualquer ocasião.

Aos imigrantes com algum capital, que tem a dispor, pequenas propriedades a vender, etc. (que são justamente os que mais nos convém atrair), são precisos muitos meses e às vêzes mais de um ano para completar os seus preparativos para a viagem; e não havendo a certeza de que as providências para facilitar as viagens subsistirão na ocasião em que estiverem desembaraçados, êsses não se movem.

Um outro obstáculo grave que importa quanto antes remover é a proibição por parte do govêrno da Prússia, do estabelecimento de agências para promover a imigração para o Brasil.

Semelhante proibição excepcional para o Brasil, além de altivamente ofensiva ao decôro nacional por significar o juízo desfavorável que fazem do estado social do país, tolhe extraordinariamente o desenvolvimento da imigração.

Da forma por que se acha constituída a indústria da expedição de imigrantes, as agências são atualmente um elo imprescindível.

Convém portanto estabelecer negociações diplomáticas para a remoção dêsse óbice, ainda que por

isso se baseie em se houver de fazer algumas concessões.

Depois de obtida a revogação, tratar-se-ia da instituição do casamento civil, cuja falta tanto serve para alimentar a disposição ou indisposição que ainda existe na Alemanha contra o Brasil.

O complemento da obra do estabelecimento de uma corrente espontânea complemento indispensável para que ela seja duradoura, e sem o qual todos os demais esforços serão baldados, é acomodar bem os colonos que chegam, satisfazendo às diversas necessidades das colônias, de forma a proporcionar aos imigrantes que nelas se acham estabelecidos o bem estar, que vieram procurar, demarcando as terras

devolutas para vendê-las aos que as pretenderem, etc.

Diversas indicações tenho submetido á consideração do governo para êsse fim. Umas já mencionadas na primeira parte dêsse relatório; outras se encontrarão no relatório que apresentei nos fins de maio do ano próximo passado sôbre as colônias do estado de cuja inspeção v. ex. dignou-se incumbir-me. Julgo desnecessário aqui reproduzi-las.

Ainda ultimamente ofereci á consideração de v. ex. um plano para colonizar as terras incultas adjacentes à estrada de ferro D. Pedro II, para cuja aquisição o governo está autorizado a lançar mão do resto do crédito de 6.000 contos.»

No ano de 1879, havia quatro agências telegráficas em Santa Catarina, sendo uma em Destêrro, outra em São Francisco, uma em Itajaí e outra em Laguna. A da Capital da Província, Destêrro, transmitiu 1.508 telegramas no ano, com 46.906 palavras, no valor de 6:233\$400. A de Itajaí transmitiu, no ano, 516 telegramas com 17.319 palavras no valor de 1:339\$000. No mesmo período, a de São Francisco transmitiu 507 telegramas com 14.706 palavras, no valor de 1:051\$000. E finalmente a de Laguna transmitiu 441 telegramas, com 12.216 palavras no valor de 989\$000.

OFÍCIO DIRIGIDO PELO DIRETOR DA COLÔNIA BRUSQUE

Directoria da Colonia Brusque no Itajahy-mirim em 14 de março de 1863. - Illm^o Snr.

Hontem 13 do corrente, asaltarão os selvagens julgo serem Botocudos por sortida numerosa o lugar chamado Agoas-claras, sito na margem direita do Rio Itajaí-mirim pertencente com sua serraria ao Proprietário particular Francisco Sallentien, matando por uma nuvem de frechas: 2 allemães não colonos ambos casados, e um brasileiro solteiro.

Um quarto, jovem brasileiro foi levemente ferido, deitou-se ao Rio, e nadando por baixo d'agoa, podia subtrahir-se dos seus perseguidores trasendo funesta noticia, que levo ao conhecimento de V^a Ex^a para poder ordenar aquellas providencias que por bem Houver.

Os detalhes deste infeliz acontecimento, que até agora constão são os seguintes:

O lugar do atroz triples assassinio, chama-se Agoas-claras, contiguo e somente pela largura do Rio de Itajahy-mirim (mais ou menos 15 braças) separado do territorio Colonial, e dos lotes cultivados por Colonos na margem esquerda do mesmo Rio em distancia reta da Sede da Colonia - cerca de uma legoa ao Oeste da mesma Sede.

Dous Serradores estavam ocupados na Serraria, e as quatro victimas não Colonos, puxadores de madeiras, forão pelas 9 horas da manhã depois do almoço querendo continuar na factura de uma cerca de paus, 300 paços arredada ao Oeste da dicta Serraria, munidos somente com machados e suas facas ao modo costumado nas cintas.

Apenas começarão o seu serviço quando os Bugres saltarão, como refere o moço que se salvou, do matto em numero avultado, que elle culcula de 30 a 40, gritando em bem pronunciado brasileiro matamos primeiramente estes ao que uma chuva de frechas atacou os indefesos transpassando logo a morte nos peitos de João Distsner, allemão, e Manuel Paranaguá, brasileiro, deixando o allemão Pedro Gorke com uma frecha no peito, sem que esse morresse logo, correndo assim vulnerado para o Rio, precipitou-se nelle, e pode ganhar a margem oposta pertencente à Colonia querendo salvar e escondeu-se na roça de milho do Colono Haag, cuja familia trabalhando na roça distante, e o filho nos serviços dos Caminhos, não podião accudir.

Dous Bugres passarão em perseguição de Gorke o rio, e acabarão de matal-o com sua propria faca, quebrando-lhe a cabessa e dando-lhe facada na barriga.

O moço brasileiro, que felizmente se salvou, presenciou de longe tudo escondido em uma canoa; e sendo apercebido pelos Bugres, atirarão-lhe uma frechada não mortal nas costellas.

Escapou ferido por mergulho, nadando por baixo d'agoa á perseguição dos malvados. Os Bugres (diz elle) tiverão todos tangas pretas. Os dous serradores esconderão-se não havendo tempo de poder accudir á

seus companheiros,

Os tres cadaveres das victimas forão levados pelos outros moradores de Agoas-claras à Autoridade policial da Villa de Itajahy a onde receberão sepultura, e as diversas frechas, umas de pontas de ferro, outras menores com farpas na ponta sem ferro, se achavão no Correio Official da Villa Itajahy para serem remetidas a V^a Ex^a.

A circumstancia de um ou varios dos assassinos terem fallado brasileiro, faz geralmente suppor, que fossem talvez criminosos, admittidos no bando dos Bugres, ou talvez uma quadrilha de facinoras só, talvez Bugres Coroados, do aldeamento da Guarapiaba no Paraná, que consta se revoltarão contra seu Cacique, emigrarão em centenares, e que por suas relações ali quasi todos sabem fallar o brasileiro.

Até este momento só consta, que os Bugres levarão unicamente os machados e as facas de suas victmas.

É quanto até agora posso relatar sobre este triste caso a V^a Ex^a.

Deos Guarde à V^a Ex^a. Ilmo^o e Exm^o Srn. Pedro Leitão da Cunha Dm^o Presidente da Provincia de S. Catharina. O Director da Colonia Barão de Schneéburg. Conforme o Original remetido ao Exm^o M^o d'Agricultura com officio de 30 de Março de 1863. O Official Chefe de Secção Ricardo José de Souza. (Observada a ortografia original)

Em 1867, realizou-se em Paris uma grande exposição Internacional, à qual o Brasil compareceu com vários produtos da lavoura, fauna, flora e manufaturados. Segundo registra o «Relatório» do Ministro da Agricultura, no ano seguinte, «a recompensa especial que obteve a colonização do Brasil, representada pela Colônia Blumenau, e o grande prêmio concedido à cultura do algodão, colocaram o nosso país ao lado dos mais adiantados que concorrem à Exposição Universal». Segundo o mesmo Relatório, «os nossos produtos obtiveram 100 recompensas, não falando na nova ordem de prêmios, criada pelo govêrno francês para honrar os estabelecimentos ou individuos que houvessem contribuido para melhoramento das condições morais e sociais das classes industriais, um dos quais foi conferido à Colônia Blumenau, como tipo das outras colônias do Brasil».

—BLUMENAU EM CADERNOS—

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Orgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas por Tomo (12 números) Cr\$ 10,00 —

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

BLUMENAU E SUA IMPRENSA

Na medida do possível, temos procurado observar perfeita ordem cronológica na relação, que vimos fazendo, dos periódicos blumenauenses.

Mas, às vêzes, isso não se torna possível por motivo óbvio. Nas pesquisas, que vamos realizando, e com a ajuda dos nossos amáveis leitores, deparamos, não raro, com edições de que, até então, não tivéramos notícia.

Nêste caso estão os dois periódicos de que vamos tratar em seguida e que, por terem aparecido em 1923 e 1926, respectivamente, deveriam figurar, nesta sequênciã, sob os números XXXII e XXXIV. Continuaremos, entretanto, o número de ordem que vimos seguindo, para repararmos a falha em possível edição em livro dêste estudo sôbre a Imprensa Blumenauense.

LXVIII

“O BRASILIENSE”

Fazendo-se sentir ainda os efeitos psicológicos provocados pela primeira guerra mundial na sociedade blumenauense, composta, em esmagadora maioria, de elementos de origem germânica, continuavam, em 1923, as providências oficiais no sentido de apressar a nacionalização completa da ex-colônia Blumenau. Não haviam desaparecido os profundos ressentimentos causados pela atitude de extremado nativismo de algumas autoridades e de particulares e de que “O Nacional” e “Brazil” se haviam feito paladinos. Êsses jornais tiveram que cessar a sua publicação. Permaneceram em circulação, apenas, os dois bissemanários em idioma alemão, o “Blumenauer Zeitung” e o “Der Urwaldsbote”, na cidade e o “O Escudo” redigido em italiano e português, no distrito de Rodeio.

Elementos ligados à corrente nacionalista, entre os quais vários diretores e altos funcionários da E. de Ferro Santa Catarina e o Inspetor Federal de Ensino, resolveram, então, fundar o “Centro de Propaganda de Assuntos Brasileiros”, cuja sede foi instalada em sala anexa à casa de negócio de Oscar Rüdiger, na início da rua São Paulo, onde está, atualmente, o edificio Impala. Êsse “Centro” deixou triste memória, pois a sua atuação, a principio orientada para fins altamente patrióticos, acabou por enveredar para práticas pouco recomendáveis a uma instituição que se propusera à elevados propósitos cívicos.

Decorrido um trimestre da fundação do “Centro”, apareceu, a 19 de novembro de 1923, o primeiro número do seu órgão de publicidade, denominado «O Brasiliense»; editado em forma de revista, com 18 páginas, formato 18,5 x 27 cm, impresso na Tipografia Baumgarten. Tam-

bém a iniciativa não passou dêsse primeiro número. Na contracapa apareciam, como seus colaboradores, o juiz de Direito Amadeu da Luz, o dr. Joaquim Breves Filho, diretor da Estrada de Ferro Santa Catarina, Luiz de Freitas Melro, João Pedro da Silva, Henrique Fontes, Joe Colção, Vitor Konder, Alfredo Sapucaia e como correspondente Adolfo Konder, Ulysses Costa, Ivo D'Aquino, Marcos Konder, João dos Santos Areão e Marinho Lôbo. A maioria dêsses elementos emprestou, apenas, os nomes para prestigiar a iniciativa. O primeiro e único número de «O Brasiliense» no seu artigo de apresentação explica: «Buscou a revista o título no do «Correio Brasiliense» que, para cumprir um programa, livre da golilla de penas imposta pelo poder absoluto de D, João VI., instalou-se em Londres, a 1º de junho de 1808. Teve êsse paladino da causa brasileira por objetivo o de tornar conhecido o Brasil no exterior, ainda no terceiro século da sua existência». E termina: «Si o «Correio Brasiliense» adotou, com parte do seu programa a tarefa de tornar conhecido o Brasil, entre os estrangeiros, consiga a revista, cujo primeiro número é dado à lume, tornar um pouco mais conhecido o Brasil dentro do Brasil, e muito terá feito por se tornar digno do órgão que lhe inspirou o nome. E com isso, si vencido todos as empeços, fôr coroado de êxito nos seus esforços, terá cumprido «O Brasiliense» a sua missão, traçada nos estatutos do Centro de Propaganda de Assuntos Brasileiros».

Traz a revista excelente colaboração assinada por Autran Dourado, que era chefe da fiscalização da E. de Ferro Santa Catarina e escritor de grandes méritos, e por Orestes Guimarães, além de notícias das atividades do «Centro» e uma poesia de Ernesto Sampaio.

O lançamento de «O Brasiliense», foi uma tentativa muito válida, infelizmente morta no nascedouro. O que aliás, era de se prever. Foi, apenas, fruto de intusiasmos momentâneos.

O Arquivo Histórico possui um exemplar dessa Revista, hoje muito raro.

LXIX

“ LANDWIRTSCHAFTSLICHE ZEITUNG ”

Em Indaial, então 3º distrito de Blumenau, surgiu em Janeiro de 1926, um jornal com o título acima mencionado, destinado aos colonos alemães no Brasil. Sua denominação completa: «Landwirtschaftliche Zeitung für die Deutschen Kolonisten in Brasilien» (Jornal agrícola para colonos alemães no Brasil). Seu redator e editor foi o Sr. C.W.F. Grothe, proprietário de uma tipografia naquela então vila. O jornal seria mensal e a sua assinatura anual custaria 3\$500 (Cr\$ 0,35). O número 1 (que segundo acreditamos, foi o único editado) apareceu com 6 páginas, no formato de 24 x 33 cm, trazendo na primeira página, um artigo sôbre «Ecos dos 75º aniversário da fundação de Blumenau», transcrito em 2 de setembro de 1925.

As demais páginas, além de uma poesia de M. J. Ganswridt, intitulada «Der Glückliche» («O Mais Feliz») sôbre as belezas da vida do colono, versam assuntos agrícolas, como a cultura de hortaliças, prevenção e tratamento da aftosa dos animais etc. O editor dêsse periódico publicava, igualmente, um calendário agrícola, ao qual já fizemos referência sob o nº XXXIV. O Arquivo Histórico possui um exemplar do jornal de que tratamos.

LXX

“GORJEIOS”

Em dezembro de 1948 surgiu o primeiro número, ou melhor, a primeira edição de «Gorjeios», órgão do Ginásio da Sagrada Família, regido pelas Irmãs da Divina Providência. Publicado anualmente em forma de revista, com ilustração em clichês de dependências do estabelecimento, grupos de alunos, cerimônias de formaturas etc., era especialmente destinado à publicação dos resultados dos exames finais, trabalhos selecionados com as provas, colaborações de alunos e notícias do colégio. Formato 16 x 23 cm., com número variável de páginas (de 40 a 100) em bom papel sulfite e magnificamente impresso na Livraria e Tipografia Blumenauense. Segundo nos informam, essa publicação, muito interessante, desapareceu com a edição do n.º. 8, de dezembro de 1955. Aliás, um número muito bem feito, com lindos desenhos, fotos e grande número de composições em prosa e verso. Foi pena que não se encontrassem condições para continuar a publicação de uma revista tão útil, não apenas para o colégio que a editava, mas, também, para toda a coletividade blumenauense. O Arquivo Histórico possui os números 2, 4, 5 e 8. Se alguns dos leitores de «Blumenau em Cadernos» possuir algum, ou todos os números que nos faltam, nós lhe ficaríamos obrigados se nos fossem cedidos para completar a série.

LXXI

“BOLETIM MENSAL DA ACIB”

A Associação Comercial e Industrial de Blumenau deu início, em novembro de 1949, á publicação de um «Boletim Mensal», cujo primeiro número apareceu com 6 páginas e no formato 22,7 x 31,5 cm., características que conserva até hoje. Além de editoriais sôbre assuntos relacionados com os interêsses das Indústrias e do Comércio e noticiário sôbre as classes produtoras, o «Boletim» publica textos de leis, decretos, portarias e instruções fiscais que lhes digam respeito. É órgão de distribuição, exclusivamente, aos associados da A.C.I.B., bibliotecas e repartições fiscais e administrativas. Vem sendo publicado com regularidade e já está no XXI ano de existência, sendo o número 255 o de dezembro último. O Arquivo Histórico possui quase toda a série tendo a atual direção da ACIB prometido completá-la.

A

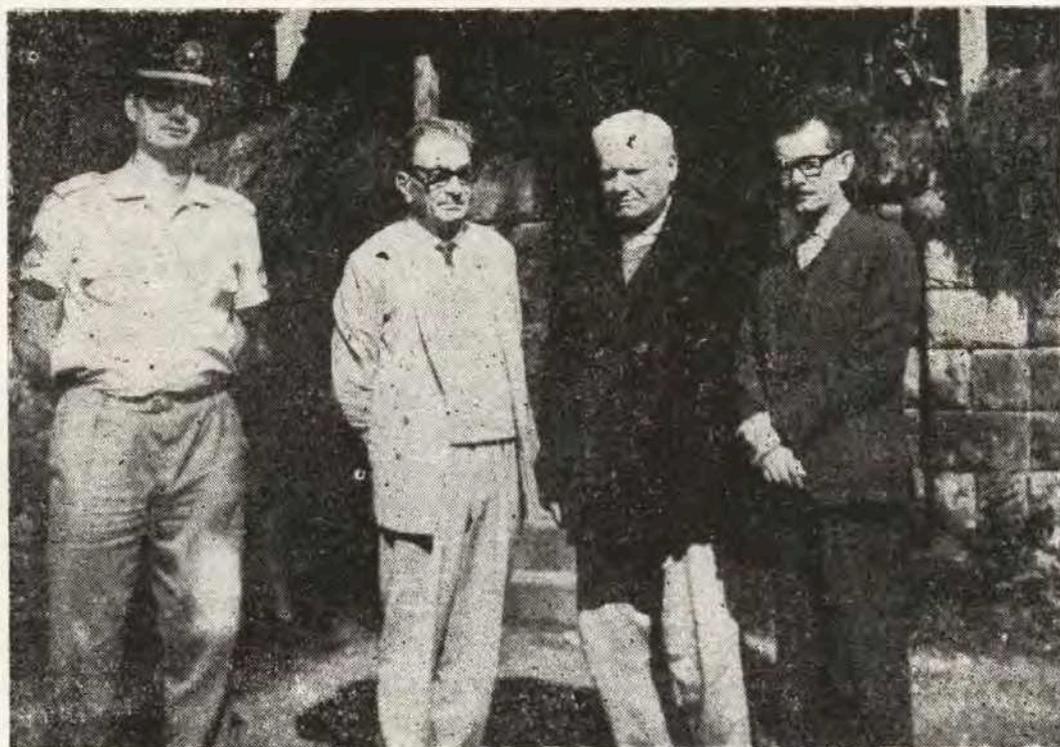
Linha Telegráfica entre São Francisco e Itajai foi construída entre 1866 e 1867. Sua construção esteve a cargo do empreiteiro Onofre Manuel Corrêa.

Estante Dos "Cadernos"

(LITERATURA CATARINENSE)

"Ogê Mannebach" - José Cordeiro. Editorial Uruguai Ltda. Caixa Postal, 202
— Florianópolis — 104 páginas. Formato 16 x 23,5 cm.
Sob os auspícios da Academia Catarinense de Letras.

Chegamos a conhecer Ogê Mannebach quando guarda-mór da Alfândega de São Francisco. De baixa estatura, cheio de corpo, sempre sorridente e afável. Todos queriam-lhe bem pelo seu temperamento alegre e bonachão. Repentista de extraordinários recursos, cortante, quase ferino nas suas críticas, jamais chegou a ofender as pessoas visadas. Era neto do casal de alemães João Mannebach e Margarida Laubenthal, emigrados em 1809, em São Pedro de Alcântara. Seu pai, também de nome João, viera com seus pais da Alemanha com apenas um ano de idade. Casara-se com Maria Xavier de Souza. Com apenas 4 anos de idade, Ogê perdeu seu pai e, quando completara 14 perdeu também sua mãe. O acadêmico José Cordeiro publica, agora, um interessante trabalho sobre incidentes e particularidades da vida e da obra do pouco conhecido satirista catarinense. Um estudo



Os Srs. Ferreira da Silva, José Gonçalves e o Sargento Oswaldo, em visita ao veterano Eduardo de Lima e Silva Hoehran, pacificador dos indígenas do Vale do Itajaí.

A Nossa Capa - O desenho da capa com que iniciamos o Tomo XII, é um belo nanquim de autoria do Dr. Orlando Ferreira de Mello, cujos dotes artísticos são já sobejamente conhecidos e louvados.

Agradecemos a êsse distinto amigo a valiosa cooperação.

realmente interessante, elaborado em estilo leve, agradável. Sem ser, pròpriamente, uma biografia do poeta, retrata, entretanto, aspectos da sua personalidade marcante na descrição de alguns episódios vividos por ambos.

O trabalho de José Cordeiro enfeixa, no final, uma antologia de 18 sonetos de Mannebach. Para que os leitores tenham uma idéia da admirável verve do poeta, selecionamos êstes versos, datados de outubro de 1908, numa sátira a Florianópolis de então: "RARIDADES"

Ê fértil esta terra em casos raros:

— As ruas nascem tortas e quebradas,

Há edifícios de frentes recurvadas,

E dragas de cavar, sempre em reparos!

— Homens de côr são cidadãos preclaros;

As lourinhas são tôdas retovadas;

Em regozijo à paz - coisas beijadas;

E a própria lista negra tem seus claros...

Enfim, o que há de exótico no mundo,

Na espécie **raridade**, aqui deu fundo

Desde a ilha ao eterno contestado.

E para completar êste museu,

Um novo caso raro apareceu:

— O Cachorro de rabo embandeirado!

Segundo nos adianta José Cordeiro, a obra de Mannebach, falecido em 1942, é vastíssima. Mais de uma centena de sonetos, todos êles, como se vê pelo que deixamos transcrito, cheios do otimismo, de bom humor, que «ironizam, satirizam, troçam mas sem ferir nem ofender porque ironia e sátira eram nele um meio de expressão literária e nada mais»...

Ainda bem que membros destacados da Academia Catarinense de Letras, como José Cordeiro, então empenhados na tarefa de reviver os nomes e a obra de poetas e intelectuais barriga-verdes, já quase e injustamente sepultados no esquecimento. Ultimamente, Iaponan Soares trouxe, em excelente trabalho, de Marcelino Antônio Dutra.

Altino Flôres, mestre dos mais destacados, deu-nos numa jóia literária, um belo estudo sôbre Antero dos Reis Dutra, Ferreira da Silva, em conferência, tratou da personalidade e da obra de Octaviano Ramos. «Ogê Mannebach» é livro que engrandece e honra a literatura catarinense. Merece uma recomendação tôda especial.

“Síntese da Problemática Cultural Catarinense” - Péricles Prade. Gráfica da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, dezembro de 1970 - Formato 13,5 x 19,5 cm, 32 páginas - Péricles Prade é um dos mais belos e expressivos valores da atual geração de intelectuais de Santa Catarina. Contando já com muitos trabalhos publicados, entre contos, poesia, crítica de arte e direito, Péricles aparece, agora, com breve mas substancioso estudo sôbre vários aspectos da situação da cultura catarinense e com sugestões muito oportunas para obviar aos inconvenientes que emperram os organismos destinados ao seu estímulo e desenvolvimento. Nesse campo há, realmente, muito que planejar e realizar. O panorama cultural catarinense, tal como o vê e o interpreta Péricles Prade, é dos mais tristadores. Principalmente no que respeita à dispersão de esforços, à diminuição de valores, à inconsistência das iniciativas regionais, sem elo algum a encadeá-las às planificações e normas do govêrno central.

Após várias considerações dessa ordem, o autor do opúsculo apresenta, breves traços, algumas soluções que nos parecem válidas para se não solucionar de todo o sério problema, pelo menos amenizar, neutralizar as graves deficiências do atual sistema oficial de incremento e difusão culturais em Santa Catarina.

Congratulando-nos com Péricles Prade pela publicação dêsse opúsculo, cujo têxto fôra apresentado ao Sexto Grupo de Trabalho do «Ciclo de Segurança Nacional e Desenvolvimento», realizado no ano passado em Florianópolis, agradecemos-lhe a amável dedicatória com que nos ofereceu um exemplar de mais essa sua excelente contribuição às letras catarinenses.

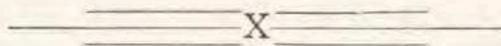
“A Neve foi Testemunha” - João Steudel Areão - Ofinas Gráficas da Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis - 182 páginas. Formato 13 x 19,5 cm. Cr\$ 10,00. Pedido ao Centro Catarinense, Rua São José, 90, Grupo 807, Rio de Janeiro - Por intermédio do nosso amigo e ex-inspetor federal do Ensino nêste Estado, João dos Santos Areão, seu filho João Steudel Areão enviou-nos um exemplar do seu recente livro «A neve foi testemunha», com honrosa dedicatória. Aproveitando as férias natalinas, lemos o trabalho de uma assentada, tal o interêsse que nos despertou logo às primeiras páginas. Trata-se de narração, romanceada, de um dos episódios de que participaram os pracinhas brasileiros na Itália, na segunda guerra mundial. Um grupo de soldados da FEB, encarregado da defesa de perigosa posição estratégica, depois de várias e arriscadas ações, consegue, à custa de corajosa e temerária decisão de meia dúzia de bravos, mandar pelos ares a fortaleza de Monte Rotondo, julgada inexpugnável e contra a qual vários e violentos ataques tinham resultado infrutíferos. Em tórno, dêsse tema, o autor cria personagens e situações que prendem o leitor e o obrigam a ir até o fim do livro, onde os atos de heroísmo se entrelaçam aos rasgos de humanidade e até mesmo às astúcias da traição.

O romance de Steudel Areão, mui justamente distinguido com o prêmio «Manoel João Gonçalves», da Academia Fluminense de Letras, revela no seu autor um escritor seguro, dono de boa capacidade de narração, de estilo ameno e agradável, aliados a uma imaginação fértil, admirável.

Autor, já, de vários outros romances, tais como «A Morte será meu castigo», «A Ponte do Rio Doro», «A taça de fel», e outros, Steudel Areão consagra-se com «A Neve Foi Testemunha» um dos grandes ficcionistas catarinenses que muito realizará, certamente, no sentido de firmar, definitivamente, o nome de Santa Catarina no panorama literário nacional.

Agradecendo o magnífico presente com que nos brindou, congratulamo-nos com Steudel Areão pelo belo trabalho que realizou. Que outros imitem-lhe o exemplo.

“SIGNO” - Revista da Academia Catarinense de Letras - Ano 20. n. 2 - Por ocasião da posse de novos acadêmicos, realizada a 2 de novembro do ano passado, foi lançado o segundo número da Revista da Academia Catarinense de Letras, «SIGNO». Com 126 páginas de texto, no formato de 16 x 23 cm, essa edição é quase que inteiramente dedicada à memória do tribuno Edmundo da Luz Pinto, embaixador e um dos mais brilhantes intelectuais catarinenses, embora apenas pouca coisa tivesse entregue à publicidade. Sobre a personalidade de Luz Pinto, escrevem neste número de «SIGNO», Augusto Frederico Schmidt, Luiz Gallotti, Otávio de Faria, Marcos Konder Reis, Levi Carneiro, Elmano Cardim, Artur Santos, José Augusto, Daniel de Carvalho, Ivens de Araujo, Dionísio Silveira, Walter Piazza, Henrique Stodieck, e Nereu Corrêa. Completa o volume uma antologia dos discursos de Edmundo da Luz Pinto, seguida de trabalhos de Almiro Caldeira de Andrade, Colestino Sachet, José Cordeiro, além de notícias da Academia e uma Notícia Bibliográfica do Arcipreste Joaquim Gomes de Oliveira Paiva. Como se vê, uma edição digna da Academia, tanto no nível intelectual dos trabalhos quanto na feição material, que é das mais perfeitas. Agradecendo o exemplar com que fomos presenteados, congratulamo-nos com os diretores de »SIGNO« pelo magnífico trabalho realizado.



A Medalha de Ouro, com que foi premiada na Exposição Universal de Paris, no ano de 1867, a Colônia Blumenau, em Santa Catarina, foi entregue ao Museu Nacional do Rio de Janeiro pelo Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, em 1870, conforme se verifica do Relatório apresentado pelo Diretor daquele Museu e referente ao ano de 1871.

Muito antes da emancipação da escravidão (1888), a minha bisavó Maria Clara Silveira Flôres, viuva do Cel. José Henrique Flôres, sensivelmente empobrecida, resolveu dispensar os seus três últimos escravos. Eram bem moços e chamavam-se: Manoel Catharina, Domingos Silva e a menina Honorata e, para não ficarem expostos as agruras da vida, por falta de experiência, pediu ao seu genro Marcos Konder Senior (meu avô paterno), próspero negociante e madeireiro, estabelecido em Itajai, para empregá-los em sua firma, o que foi religiosamente obedecido.

Depois de estudá-los cuidadosamente, o meu avô escolheu o Manoel, o mais velho, para trabalhar no seu armazem, como arrumador e outros serviços de confiança, entre eles o de vigia do seu gabinete privativo, durante as suas repetidas ausências. O outro, Domingos Silva, foi colocado como tratador do seu cavalo de montaria, dos porcos e da limpeza do grande terreno traseiro da casa comercial, onde havia uma enorme parreira de uvas roxas. Quando o meu avô ia ao porto, para fazer a numeração das táboas empilhadas, levava o Domingos, com a lata de tinta branca e os respectivos pincéis. Quanto à menina Honorata, foi destinada aos serviços caseiros no seu palacete, como lavadeira e jardineira.

Em seguida relatarei alguma coisa sobre a vida dêstes pobres párias: Domingos Silva era um homem agigantado, porém terrivelmente ignorante, causando às vezes sérios aborrecimentos ao chefe. Viveu quase toda a vida à sombra de duas gerações da família Konder. Alcançou idade avançada, pois faleceu em 1921, caduco e cego. Quando o agente do Censo foi a sua casa, para preencher o questionário e perguntou o seu nome, respondeu seriamente e sem pestanejar:- Domingos KONDER... Nos últimos anos de sua existência, eu, como um dos empregados da Casa Konder, mandava-lhe todos os sabados, um bom naco de carne sêca e um saquinho de café em pó, melhorando assim o seu almoço domingueiro.

Passando à menina Honorata. Filha de um casal de escravos da zona de Ilhota, onde o meu bisavô Flôres era proprietário, antes de passar ao domínio dos colonizadores belgas Van Ledé e Irmãos Lebon, entre eles o meu bisavô materno Gustavo Lebon. Nos primeiros anos, a Honorata comportava-se bem nos serviços domésticos e, como não tinha parentes, dormia em um dos compartimentos do comprido anexo de alvenaria, situado atrás do palacete. Depois de alguns anos, a menina se transformara em mulher gorda e robusta. Começou então a "aventurar-se" a altas horas da noite e, um belo dia, ficou grávida, nascendo depois um filho mulato de pai desconhecido. Foi batizado com o nome de Bolislau, e mais tarde, quando eu era rapaz de 14 anos, fui padrinho de uma filha dele, tendo como madrinha a minha primeira namorada, que morava ao lado do solar dos meus pais. Por causa desta «aventura», a Honorata mudou-se para uma casa de madeira, no bairro da Fazenda, continuando a trabalhar diariamente na casa dos meus avós paternos e, mais tarde, também na casa dos meus pais (em 1903). A minha saudosa mãe gostava muito dela e perdoava-lhe os deslizes por achá-la prestativa e obediente. Faleceu em

1946 quase centenária.

Chegando por fim ao inesquecível e fiel Manoel Catharina, aquele que o meu avô escolheu como braço direito na sua casa comercial. Quando o chefe ia ao cais para inspecionar a madeira empilhada, ou á Barra do Rio, a cavalo, para averiguar o andamento de sua fábrica de tabuinhas, entregava o seu gabinete privativo aos cuidados do Manoel, que, zeloso e compenetrado, não deixava ninguém entrar nem mesmo os empregados da casa. Ficava postado diante da porta e, de vez em quando, espiava o interior pela fresta da mesma. Um dia, o meu avô, antes de sair, mandou-o varrer o seu gabinete e voltando mais tarde encontrou-o emperrado com a vassoura presa nas duas mãos. Estranhando aquele gesto perguntou-lhe o motivo, e êle, solenemente, apontou com o dedo indicador para baixo. Bem perto de seus pés descalços estava uma nota de dois mil réis! Comovido com esta grande honestidade, o meu avô bateu carinhosamente no seu braço, exclamando:- «Ich danke Dir mein Sohn!» (Eu te agradeço meu filho). Êste fato me foi contado por meu pai.

Antes de embarcar para a Alemanha, a tratamento de sua saúde, já bastante grave, o meu avô pediu ao seu amigo Gustav Salinger, que foi nomeado como preposto de sua casa comercial, para não dispensar jamais o seu fiel servidor. Infelizmente o vovô Konder voltou morto, embalsamado, para ser enterrado no antigo cemitério de Itajaí, no local onde está atualmente a nova Matriz. A vovó Adelaide entregou a administração da firma ao seu filho mais velho - tio Arno, mas êste, por falta de capacidade comercial em pouco tempo deixou-a decadente e até individadada. Passou então a gerência ao segundo filho - Marcos, o meu saudoso pai que, sãbiamente, transformou-a numa das mais prósperas do Estado. Durante as três sucessões da firma, o nosso dedicado Manoel nunca faltou aos seus deveres.

Aos domingos ou dias feriados, o velhinho ia à casa dos meus pais e, de cócoras na porta, pedia a minha paciente mãe para ler-lhe algo nos grandes jornais do Rio. Os anuncios fúnebres deixavam-no extasiado e, um dia, quis saber porque deixaram de publicar o falecimento, entêrro e missa do nosso amado Grossvater (vovô Konder). Minha mãe achou graça diante da sua ignorância e ingenuidade.

Sòmente em 1913 afastou-se do emprêgo, contra a sua vontade, por se achar bastante fraco e envelhecido e dois anos depois falecia de uma pneumonia dupla. A minha saudosa mãe confeccionou uma bonita corôa de flôres e eu a levei á casa do querido morto. Na mesma tarde papai e eu o acompanhamos á sua última morada (éramos os únicos brancos). O entêrro foi custeado pela firma. Na hora de fechar a cova o meu pai jogou os tradicionais três punhados de terra e pude notar duas grossas lágrimas a rolarem-lhe pelas faces. Antes de deixar o cemitério visitamos o mausoleu do meu avô, onde meu saudoso pai, depois de uma pequena oração, sussurrou a seguinte frase:-«Lieber Vater! Dein treuer Manoel hat heute seine verdiente Ruhe gefunden». (Querido pai!. O teu fiel Manoel encontrou hoje a sua merecida paz).

INDÚSTRIA TÊXTIL
COMPANHIA
HERING

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina — Brasil

— RUA HERMANN HERING, 1.790 — CAIXA POSTAL, 2 —

TELEGR.: "TRICOT"

Fábrica de
Artefatos de Malhas

FUNDADA EM 1880

CONTRIBUINDO PARA

A GRANDEZA DO BRASIL

EM SEU COMÉRCIO

E INDÚSTRIA

FÁBRICA DE ARTEFATOS TÊXTEIS
ARTEX S. A.

Fiação e Tecelagem

Rua Progresso, 150 - Fone 22- 1033

Caixa Postal, 10



FÁBRICA ESPECIALIZADA EM:

Tecidos Felpudos

Toalhas de Rosto

Pisos para banheiros

Toalhas de Banho

Roupões de Banho, etc.

B L U M E N A U

—

Santa Catarina